

Águas efervescentes: o pensamento de Celso Prudente

Cláudia Maria Ribeiro¹

Resumo

Este texto entrelaça, entretece, engalfinha o pensamento do professor, cineasta e curador da Mostra Internacional do Cinema Negro, Celso Luiz Prudente e o imaginário das águas. Para fazer jorrar a complexidade da obra do professor, mergulho nas águas efervescentes e nos símbolos da música *Banzeiro* de autoria da compositora paraense D. Onete. O conhecimento efervescente na obra de Celso Prudente navega pela temática do negro, assumindo-o construtor da história e da cultura brasileira, inventando palavras que fazem borbulhar esse conhecimento do segredo das coisas: euroheteronormatividade, sambística, orixalidade, africanidade, euro-hétero-macho-autoritário, tamboralidade que transversalizam o conceito de dimensão pedagógica do cinema negro, que respinga no futebol, no samba e no carnaval. Os depoimentos de egressas do Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – MG, apontam que as participações nas Mostras Internacionais do Cinema Negro foram decisivas para que navegassem por conceitos e pelas relações de poder, criando assim, resistências.

Palavras chave: Cinema Negro. Imaginário das águas. Relações de poder. Resistências.

Effervescent waters: *Celso Prudente's thought*

Abstract

This text intertwines, interweaves, grapples the professor's thoughts, filmmaker and curator of the International Black Cinema Exhibition, *Celso Luiz Prudente* and the imaginary of the waters. To bring out the complexity of the professor's work, I immerse in the effervescent waters and the symbols of *Banzeiro* music by the composer *D. Onete* from *Pará-PA*. The effervescent knowledge in the work by *Celso Prudente* navigates through the black theme, assuming him as a builder of Brazilian history and culture, inventing words that bubble up this knowledge of the secret of things: euroheteronormativity, sambistics, orixality, africanity, euro-hetero-male-authoritarian, drumming that cross the concept of pedagogical dimension of black cinema, which spills over into soccer, samba and carnival. The testimonies of graduates from the Graduate Program in Education of the Education Department at the Federal University of *Lavras - MG*, point out that their participation in the International Black Cinema Exhibitions were decisive for them to navigate by concepts and power relations, thus creating, resistances.

Borbulhando saberes

¹ Professora Titular aposentada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – MG.

O meu pensamento entra em ebulição com o desafio da escrita deste texto. Fervo! Inquieto-me! Como fazer jorrar... fazer brotar... a complexidade do pensamento de Celso Prudente? Mergulho no imaginário das águas e encharco-me da simbologia da fermentação acionando a língua dos bambaras: “a palavra Kumu – fermentar – designa *todo processo através do qual uma substância, ou até mesmo um objeto, é posto em estado de acidificação e de efervescência, capaz de conferir-lhe maior influência sobre os seres que sofrem sua ação*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 422). As águas borbulhantes, portanto, possibilitam-me falar do conhecimento efervescente na obra do autor em tela:

As bebidas fermentadas, portanto, são a imagem do conhecimento *efervescente* que permite ao espírito ultrapassar seus habituais limites, a fim de alcançar – pela intuição ou pelo sonho – o conhecimento profundo da natureza, o conhecimento do segredo das coisas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 423).

Esse conhecimento fermentado convida-nos a ultrapassar os limites do já conhecido “escavando com o cuidado de um arqueólogo a presença do negro no cinema brasileiro, seja como produtor, diretor, elenco, protagonista ou antagonista” (FERREIRA, 2019, p. 33).

A efervescência do conhecimento de Celso Prudente incita a mergulhar na alquimia em que a fermentação traz a noção de transmutação: “é a transformação, o *amadurecimento* orgânico, que prepara a regenerescência e a passagem do estado de morte ao estado de vida. Os metais e as pedras, para o alquimista, fermentam a terra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 423). Essa ideia é potente na obra do autor. Que transformações estão efervescendo? “A *causa* de afirmação positiva do sujeito negro, como possibilidade de busca de um caminho teórico-conceitual e empírico de resgate e movimento de reposição de um provável equilíbrio e harmonização do nosso mundo mais imperfeito” (MARCOS, 2009, p. 16).

Outro aspecto da fermentação diz respeito aos “lugares em que a fermentação se produz naturalmente e (que) são lugares mágicos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 423). Reporto-me aos lugares mágicos onde são realizadas as Mostras Internacionais do Cinema Negro – um lugar que transmuta em não lugar – numa heterotopia! As “Mostras” são um outro espaço? As heterotopias segundo Foucault, são lugares reais, efetivados que, embora se contraponham ao espaço instituído, coexistem com ele, são lugares de passagem. Na “Mostra” passamos horas sendo transportados/as

para muitos lugares. Numa heterotopia entramos num lugar outro, que pode nos remeter a muitos outros lugares:

Lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contrapositionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2006, p. 415).

Nesse lugar fora de todos os lugares há elementos muito importantes para “as relações étnico-raciais da africanidade, considerando a relevância temática do dilema sociocultural da imagem do negróide na África e na Diáspora” (PRUDENTE, 2019a, p. 8). Espaço festivo, de partilhas, de reconhecimentos, de aprofundamentos de conceitos e que consiste em “um fórum privilegiado para debater a possível construção da imagem positiva do afrodescendente, que implicou no componente mais caro do cinema negro, o seu conceito de dimensão pedagógica” (PRUDENTE, 2019a, p. 8).

Um “Banzeiro”! Explico. Essa é uma música composta por D. Onete² e cantada também por Daniela Mercury. A letra é um convite para mergulhar no “banzeiro”. E toda a letra é um mergulho no imaginário das águas: banho de chuva, banho de cheiro – e a imagem da pororoca. O que isso tem a ver com as Mostras Internacionais do Cinema Negro? Deter-me-ei em cada uma das simbologias.

A complexidade das Mostras Internacionais do Cinema Negro – espaços heterotópicos

Desafiei-me a navegar pela experiência de Celso Prudente (2015, 2019a, 2019b), em que o autor e as “Mostras” se formam e se transformam. ““Práticas” concebidas ao mesmo tempo como modo de agir e de pensar que dão a chave de inteligibilidade para a constituição correlativa do sujeito e do objeto” (FOUCAULT, 2004, p. 238). Na produção das “Mostras” transversaliza-se a condição de cinema epistemológico – que consiste em “um movimento estético, necessariamente de intervenção político-social, assumindo a denúncia da continuada exclusão do negro brasileiro dos centros de poder” (MARCOS,

² Cantora e compositora brasileira. Rainha do Carimbó.

2019b, p. 11). A ousadia e complexidade das “Mostras” estão sintetizadas no quadro a seguir:

Tabela 1. As 15 Mostras Internacionais do Cinema Negro

MOSTRA	ANO	HOMENAGEADO/A
1º	2005	Grande Otelo
2º	2006	Tony Tornado
3º	2007	Zózimo Bulbul
4º	2008	Abdias do Nascimento
5º	2009	Roberto Marinho
6º	2010	Glauber Rocha
7º	2011	Zé Kéti
8º	2012	Sérgio Ricardo
9º	2013	Zé Kéti
10º	2014	Haroldo Costa
11º	2015	José Maria Pereira Lopes
12º	2016	José Bonifácio de Oliveira Sobrinho; Jorge Mautner
13º	2017	Aline Midley; Alaíde Costa
14º	2018	Pinah
15º	2019	Haroldo Costa

Fonte: PRUDENTE e SILVA, 2019b, p. 184-192.

Quando nos deparamos com este quadro somos instigadas e instigados a pensar nas edições anuais consecutivas, no significado de cada pessoa homenageada e no potente conceito da dimensão pedagógica do cinema negro, que ultrapassa a condição de comunicação de arte e de difusor de ideias. Mergulho, portanto, no imaginário das águas que encharcam a música “Banzeiro” para fazer emergir alguns aspectos da obra de Celso Prudente. O termo significa mar levemente agitado. Só mesmo a simbologia dos mares para dizer dessa obra: “símbolo da dinâmica da vida (...) lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 592) – que põem em movimento conceitos que instigam a pensar e navegam pelas

ambivalências, incertezas, dúvidas, indecisões. Complexidades que também se manifestam no vastíssimo repertório das “Mostras” – um Banzeiro! A música, conforme dito anteriormente, traz um ritmo festivo e faz o convite: “Te mete!; te joga! ” O convite é para cantar e dançar. O convite para os mergulhos nos conteúdos das “Mostras”. Uma enchente de contradições: banzeiros significando alegrias. Banzo significando a nostalgia dos escravos e escravas (ODA, 2008). Banzeiros e banzos interligados para denunciar o “cinema negro que se tornou cinema das minorias. Pois, foi na sua dimensão pedagógica, que o diferente, negado, ensinou a sociedade como ele é e como ele deve ser tratado” (PRUDENTE, 2019a, s.p.).

Cada pessoa homenageada, cada filme apresentado, cada discussão geradora de outras discussões navegam nas possibilidades para problematizar na,

condição de minoria a horizontalidade da imagem do ibero-ásio-afro-ameríndio, como outras minorias, tais como: negro, índio, mulher, deficiente, homossexual, lgbt e etc., concorreram em proveito da construção do conceito de imagem de afirmação positiva (PRUDENTE, 2019a, p. 12).

O clip da música Banzeiro, cantada por Daniela Mercury, apresenta as diferenças dançadas num ritmo que convida a problematizar os banhos de chuva e os banhos de cheiro, deslocando-os para a obra de Celso Prudente. A chuva é “o agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 235). No Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade³ as águas da chuva são apresentadas como Água Indefinida. Desloco essa indefinição encharcada da negação dos rótulos, da fixidez de normatização, normalização, das serializações, das classificações para dizer da importância conceitual que inunda o Cinema Negro:

No Brasil o Cinema Negro deita raiz no Cinema Novo, desenvolvendo-se em favor do resgate da postura de sujeito histórico do negro no cinema, em que segue para além do protagonismo na representação da dramaturgia cinematográfica; a africanidade, por sua vez, aí ocupa o lugar de realizador, reescrevendo a história do negro por meio da imagem. Espécie de pedagogia fundamental vista na capacidade de contribuir, então ensinar, na construção da imagem de afirmação positiva do afrodescendente e da sua cultura na era da informação, na qual a representação tem peso de inegável importância (PRUDENTE; OLIVEIRA, 2015, p.)

³ Cf. Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade. Acessar em: <http://www.fastore.pt/museu/index.htm>.

Nas danças das “Mostras” bailam os estudos de Prudente sobre o Cinema Negro (2015, 2019a, 2019b). Extensa produção de conhecimento que, associada aos filmes apresentados, fertilizam a importância do Movimento Negro Unificado – MNU, na reescrita da história com a arte de afirmação ontológica da africanidade. Fertilidade das chuvas, que nas “tradições ameríndias, é a *semente do deus da tempestade*. Na hierogamia Céu-Terra, a chuva é o esperma que fecunda” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 236). Fertiliza-se, então, outra imagem do afro-brasileiro. Na realização das quinze Mostras Internacionais do Cinema Negro a “natureza literária e intencional dos filmes provocam reflexões sobre a visão do negro afro-brasileiro problematizando os conceitos de raça, etnia, igualdade, diferença, cultura e conhecimento” (LOBO; PINTO, 2015, p. 31). A imagem da chuva vinda do céu – que fertiliza a terra – o espaço heterotópico das “Mostras”, traz à luz a lenda grega de Dânae:

Encarcerada por seu pai em uma câmara subterrânea de bronze para não se arriscar a ter filho, ela recebe a visita de Zeus, sob a forma de chuva de ouro, que penetra por uma fenda do teto, e do qual ela se deixa engravidar (...) O mito lembra igualmente os pares luzes-trevas, céu-inferno, ouro-bronze, que evocam a união dos contrários, origem da manifestação e da fecundidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 236).

Essa lenda potencializa a pergunta: que condições de possibilidade fizeram borbulhar e continuar efervescendo o pensamento de Celso Prudente? Quantas mudanças foram acontecendo no decorrer dos anos! “Como mudar as representações desse mundo exterior, ele mesmo em processo de mudança?” (GUATTARI, 2012, p. 22). Dânae estava presa e mesmo assim foi fecundada por Zeus. Analogamente, a imagem do negro fertiliza-se, continuamente, na “afirmação positiva do afrodescendente, na era da informação que tem sua ontologia na luta” (PRUDENTE; BATALHA, 2015, p. 35).

Havia afirmado anteriormente que as “Mostras” e o pensamento de Celso Prudente constituem um Banzeiro pelo convite a tomar banho de chuva. E, também, a tomar banho de cheiro.

Banhos de cheiro que rescendem para além dos espaços heterotópicos das “Mostras”

A simbólica dos banhos – purificadora e regeneradora – é “bem conhecida e atestada, tanto no âmbito do profano como no do sagrado, pelos seus evidentes usos entre

todos os povos, em todos os lugares e todos os tempos” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 119). Na música Banzeiro há o convite para banhar-se nos muitos cheiros: pataqueira⁴, patchouli⁵, bogarim⁶, baunilha⁷, priprioca⁸ – um complexo simbólico para mergulhar nos cheiros do interior do Pará trazidos pelo popopó⁹. O banho de cheiro é tradição em Belém – PA; é vendido pelas erveiras no Mercado Ver-o-Peso. Almeida (2011) pesquisa o tema das plantas medicinais e diz, em suas notas para a terceira edição do livro referenciado, que esse é um tema “complexo, riquíssimo, polêmico e contempla inúmeras vertentes, temas intrincados que se permeiam e mudam o perfil em velocidade assustadora” (p. 23).

Desloco essa complexidade, riqueza, polêmica para a realização das Mostras Internacionais do Cinema Negro. Que banhos e que cheiros emanam desse movimento? Um misto de sagrado e profano; de purificação e regeneração; de imersão nas águas que simbolizam a entrega da estatueta Ofó de Xangô, concebida pelo escultor Prof. Emanuel de Araújo. Xangô é o orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo. Ofó é uma palavra de origem yorubá que designa o encantamento por meio da palavra, que pode ser expressa por versos ou cantigas. A tabela 1, neste texto, sintetiza as muitíssimas pessoas que foram agraciadas com a estatueta. Há um grande homenageado/a e várias outras pessoas listadas no livro de Prudente e Silva (2019b) a cada edição da “Mostra”. Agrega-se, portanto, multiplicidades de partilhas para a constituição de novas formas de ser em grupo considerando artigos, documentos e filmes na temática do Cinema Negro. Navegamos, inevitavelmente pelas relações de poder:

É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais consequentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística, a da unidimensionalidade, do equívoco generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade (GUATTARI, 2012, p. 105).

Essa alteridade grita nos meandros da obra de Celso Prudente que navega em águas efervescentes na curadoria da Mostra Internacional do Cinema Negro. Borbulham possibilidades em seu devir. “Foi na sua dimensão pedagógica, que o diferente, negado, ensinou a sociedade como ele é e como ele deve ser tratado” (PRUDENTE, 2019a).

⁴ Espécie de planta homeopática utilizada para cessar os efeitos do beribéri.

⁵ Planta cultivada principalmente no Maranhão e no Pará. São atribuídas várias propriedades benéficas tanto à planta quanto ao seu óleo essencial.

⁶ Arbusto indiano da família das oleáceas, com flores brancas de aroma bem característico.

⁷ Especiaria usada como aromatizante, obtida de orquídeas do gênero *Vanilla*, nativa do México

⁸ É uma erva da família ciperácea, aromática e medicinal, natural da Amazonia.

⁹ Barco regional.

Processos educativos infindáveis que se entrelaçam; se entretecem; criador e criatura navegando em águas moventes! “Engendrados por produções de subjetividades que envolvem cantos, danças, narrativas acerca dos ancestrais e dos deuses...” (GUATTARI, 2012, p. 118). Um Banzeiro!

Retorno, portanto, à letra da música de autoria de D. Onete quando refere à pororoca – fenômeno que ocorre próximo à foz do rio Amazonas e em alguns rios do estado do Maranhão. Um grande estrondo provocado pela irrupção em “sentido oposto ao do fluxo das águas do rio, e, seguida de ondas menores, [que] sobe rio acima, por vezes com forte ruído e devastação das margens, amortecendo-se à medida que avança” (AURÉLIO, 1988, p. 404). Desloco essa ideia para as problematizações do pensamento de Celso Prudente. Na pororoca – esse macaréu de alguns metros de altura – provoca ondas que devastam as margens dos rios. Esse movimento detém a capacidade de invenção. Constituem-se em saberes que são decisivos para os enfrentamentos cotidianos em que os poderes estão em toda parte. O sentido oposto ao fluxo do rio é o desafio assumido por Celso Prudente: irromper preconceitos e engendrar resistências encharcadas de ética e estética. “Responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos” (GUATTARI, 2012, p. 123).

A responsabilidade do professor e curador da Mostra Internacional do Cinema Negro é também com a docência engajada no engendramento das resistências.

Por onde borbulham as pororocas

Durante anos liderei o grupo de pesquisa vinculado ao CNPq intitulado Relações entre a filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente – o Fesex. O objetivo do grupo é promover reflexões teóricas sobre as temáticas da Filosofia e Educação articuladas à Sexualidade e Gênero tendo como referenciais as teorizações sócio-históricas e pós-estruturalistas, com foco na constituição dos sujeitos no processo social e educativo com ênfase na atuação docente.

Muitos e muitas discentes compartilharam com o grupo a produção de conhecimento; as formas de conceber gênero e sexualidade que também se articulavam com as produções de conhecimento instigantes das transformações advindas do professor Celso Prudente. Guattari (2012, p. 154) diz o que se faz pertinente: “a condição para tais mudanças reside na tomada de consciência de que é possível e necessário mudar o estado de coisas atual e

de que isso é de grande urgência”. A fervura da “Mostra” encharcava as discentes convidadas por mim a participar, pois constituíam-se em potentes aulas para instigar as transformações:

A professora Cláudia Ribeiro, minha orientadora no mestrado, sempre compartilhou novas experiências que ampliassem a reflexão sobre ser negra/negro no Brasil, já que pesquisávamos sobre a atuação de dois professores negros como diretores de escolas na Primeira República. Convidou-me então para ir a São Paulo à Mostra do Cinema Negro e fiquei encantada com evento tão significativo para nossas pesquisas e vidas. Participar da Mostra do Cinema Negro foi um momento muito especial pela possibilidade de repensar espaços e ressignificar as imagens e representações sobre negras e negros no cinema brasileiro. Negras e negros no cinema? Negras e negros cineastas? A fala de negras e negros tem importância para o cinema? Espaço privilegiado de aprendizagem e discussão sobre racismo e preconceito. Força e inspiração para as lutas cotidianas ao perceber a articulação de negras e negros para resistências e re-existências.

Andrêsa Helena de Lima

A pesquisa a que se refere a egressa do Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – Ufla, intitula-se “Azarias Ribeiro de Souza e José Luís de Mesquita: professores negros no sul de Minas Gerais – 1882/1954”¹⁰. A pesquisa foi realizada discutindo os discursos, as relações de poder, o papel dos intelectuais, pensando o movimento nas brechas, que possibilitam questionar o sistema educacional que pode manter ou modificar discursos dependendo da atuação política de professores e professoras atuantes. A discente assume a força e a inspiração advindas da “Mostra” e a importância da sua participação para as aprendizagens. Foucault (1998, p. 44) diz que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. Politicamente os espaços das “Mostras” são para aprender a lutar, a criar, a resistir e a insistir – re-existir. Zanella e Sais (2008, p. 685) potencializam o que digo:

que quem cria o faz a partir de um complexo processo em que aspectos da própria realidade são descolados dentre uma infinidade de possíveis, e combinados de múltiplas maneiras. O inusitado está nas infundáveis possibilidades de decomposição, de recortes de fragmentos daqui e dali que são recompostos em novas combinações, em produções inovadoras, decorrentes tanto do que intencionalmente se produz quanto dos acasos, dos encontros inesperados que surpreendem com o que emerge.

¹⁰ Acessar em: <http://repositório.ufla.br/jspui/handle/1/11013>.

Silmara Santos, ex-orientanda que produziu a dissertação de mestrado intitulada “Navegando pelo imaginário das águas: gênero e sexualidade nas lendas brasileiras”¹¹ e atualmente doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde pesquisará “Mulheres negras educadoras: problematizando discursos que explicitam (in)visibilidades”, egressa do Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da Ufla emite seu depoimento sobre o significado de participar das “Mostras”:

Resistência, luta, reparação, descoberta, valorização são algumas das palavras que me fazem pensar na Mostra de Cinema Negro. É uma iniciativa que enfatiza, não só a arte, mas a necessidade de reconhecer o “enegrecimento” da arte. Ter podido vivenciar, sentir, ver, estar em uma Mostra despertou, e ao reviver continua despertando, o desejo de seguir resistindo, lutando e acreditando que é possível estar em outros espaços além do que a história nos deu: é possível construir meios, caminhos, formas, produções tendo o povo negro como protagonista. Seguimos...!

Silmara Santos

Fervilham as potências das resistências. A pesquisadora guardou consigo o processo criativo das lutas e reconhece a criatividade das estratégias – potentes artimanhas da liberdade. Na realização das “Mostras” borbulha um campo de possibilidades que atinge as pessoas; que apontam as resistências como criação; que apontam para o novo. “Os meios de mudar a vida e de criar um novo estilo de atividade, de novos valores sociais estão ao alcance das mãos. Falta apenas o desejo e a vontade política de assumir tais transformações” (GUATTARI, 2012, p. 154). O professor e curador da Mostra Internacional do Cinema Negro – Celso Prudente, será que poderia imaginar que, na dimensão pedagógica de seu trabalho, na veiculação de aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro, influenciaria a produção de conhecimento nas complexidades dos processos educativos? Este é o seu exercício das resistências – navegando pelas relações de poder; exercendo as liberdades possíveis e vivendo os conceitos que assume influenciando diferentes pessoas com a sua obra. Um intelectual transformador; encontro eco nas palavras de Michel Foucault:

Não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da

¹¹ Acessar em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/15466>.

verdade. Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder de verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais), no interior das quais ela funciona no momento (FOUCAULT, 1988, p. 14).

As discentes sob minha orientação beberam dessa fonte inesgotável nas lutas contra as hegemonias. Outra egressa do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE, sob minha orientação, produziu a dissertação de mestrado intitulada “A vida como obra de arte?!...processos educativos com foco nos brincares, nas sexualidades e nas relações de gênero em uma brinquedoteca no sul de Minas Gerais”¹² e apresenta seu depoimento sobre os significados, em sua vida, de participar da Mostra Internacional do Cinema Negro:

Participar deste evento foi uma oportunidade ímpar, visto que onde moro, no interior de Minas, eventos deste tipo são raros. Foi emocionante estar naquele lugar, o Salão Nobre do Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo, capital, onde aconteceu a mostra. Adentrar o espaço, apreciar peças de louças antigas expostas nas vitrines, obras de arte por todos os lados e cantos, os artefatos culturais diversos e todo o encantamento do lugar, foi formativo como pessoa, professora e pesquisadora. O sentimento foi de gratidão por ocupar mesmo que momentaneamente aquele espaço. Foi uma viagem cultural e científica que não apenas me marcou, como também me ampliou as possibilidades e saberes. Observar as negras que ali chegaram com seus belos turbantes, a leveza e beleza na dança apresentada durante o evento, foi hipnotizante. Nunca antes havia presenciado esse tipo de apresentação. Prestigiar minha colega de mestrado e amiga Andréa, que teve parte de sua pesquisa de mestrado publicada no livro “Cinema Negro”, lançado também em “QR Code”, foi emocionante. A obra foi lançada durante a cerimônia e me estimulou a continuar pesquisando para também contribuir cientificamente com os temas que estudo. Durante a mostra, também tive a oportunidade de me aproximar de questões reflexivas para a compreensão de questões afrodescendentes na dinâmica sociocultural da imagem e sentir a necessidade de um olhar mais atento para esses temas em minha área de atuação que é a Educação Infantil.

Kátia Batista Martins

Este depoimento nos diz dos significados dos lugares nos quais as “Mostras” foram realizadas. Conforme dito anteriormente, acionando o conceito de heterotopia de Michel Foucault (2006) – os espaços das “Mostras” são heterotópicos; um lugar fora de todos os lugares. Prudente e Silva (2019b) registraram esses espaços: 1º., 2º., 3º., 4º. “Mostra”: Cinemateca Brasileira (SP); 5º. “Mostra”: SESC Santana; 6º. “Mostra”:

¹² Acessar em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/10781>.

Faculdade de Direito da USP; 7º., 8º., 9º., “Mostras”: Auditório Camargo Guarnieri na USP; 10º., 11º. “Mostras”: Memorial da América Latina; 12º., 13º., 14º. “Mostras”: Palácio dos Bandeirantes e 15º. SESC Vila Mariana. Todos na cidade de São Paulo.

Outra presença em várias “Mostras” e também acompanhando o Prof. Celso Prudente em palestras, escrita de livros, artigos, a jornalista Fátima Ribeiro também emite seu depoimento:

A participação em edições da Mostra Internacional do Cinema Negro, que tem como curador o professor, antropólogo e cineasta Celso Prudente, é um daqueles acontecimentos na vida que desperta, inquieta e (pro)move sentimentos que transitam pela alegria, o choro, a leveza, o encantamento, a indignação e aprendizados... quantos aprendizados...

Sou uma pessoa admiradora dos golfinhos e por assim ser, procuro me aprofundar em seu universo e seus comportamentos e isso me proporciona novos conhecimentos e formas de ser nos caminhos dessa vida e nas relações com as pessoas. Digo isso para ilustrar meu olhar para Celso Prudente, um ‘ser golfinho’. Diz a lenda que existem três tipos de pessoa: a carpa, o tubarão e o golfinho. A carpa é aquela que sempre cede, que recua e não se importa, joga o jogo do ‘perde-ganha’. O tubarão joga o jogo do ‘ganha-perde’, ele sempre tem que ganhar, não importa se o outro perde. Já, a pessoa golfinho, joga o jogo do ‘ganha-ganha’, para eles, no mundo cabe todo mundo, e um não precisa perder para que eu ganhe, assim, se fortalecem... Esta é minha visão de Celso Prudente e as marcas que me deixaram as edições da Mostra Internacional do Cinema Negro. Uma pessoa que luta, resiste, persiste, insiste através do olhar para o todo contemplando a inquietude de cada ser, sendo provocado e provocando pessoas a serem ‘pérolas negras’ em mares ora calmos, ora revoltos, buscando nas lutas diárias matar o tubarão e inquietar a carpa.

Maria de Fátima Ribeiro

A jornalista refere-se também ao cineasta Celso Prudente. Muito significativo, ao referir-me ao pensamento do intelectual, citar também os filmes dirigidos por ele. No livro organizado por Prudente e Silva (2019b) encontra-se a listagem dos filmes sob sua direção: Axé – alma de um povo (1987); Amor no Calhau (1992); A dialética do amor (2012); Revolução das abóboras (2014); Questão de justiça (2017). Filmes imperdíveis para discutir a presença do negro no cinema brasileiro. Filmes que abordam lutas revolucionárias, as descolonizações, as contradições sociais, a cultura tradicional da africanidade brasileira, dentre tantas temáticas imbricadas no léxico autoral da “prudentialidade”, a saber, o ibero-ásio-afro-ameríndio: “que compreende a unidade de todos os povos de culturas ibéricas, asiáticas, africanas e ameríndias, na medida em que

o ponto identitário é a língua portuguesa que se faz na condição de povos que foram vítimas da colonização euro ocidental” (PRUDENTE; SILVA, 2019b, p. 175).

O depoimento da jornalista traz o simbolismo do golfinho que está ligado ao das águas e ao das transfigurações. Possibilita-me entrelaçá-lo ao que já foi dito, ou seja, o imaginário das águas, transbordante neste texto; fazendo borbulhar a imagem do golfinho que se tornou símbolo da regenerescência. Esses significados ampliam o que já dissemos até agora e que nas palavras de Ferreira (2019b, p. 35) potencializam: “a obra de Prudente é um resgate histórico, antropológico e sociológico das questões étnico-raciais e, principalmente, a construção identitária do negro como sujeito intelectual”.

O golfinho “é também símbolo da adivinhação, da sabedoria e da prudência. Essas qualidades, acrescentadas à velocidade de deslocamento que lhe atribuem, fizeram dele o senhor da navegação” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 474). Celso Prudente diz que a:

inclusão do outrem no processo das relações de plena existência tem sido uma operação de busca para que o marginalizado venha resgatar a sua capacidade de iniciativa (impulso de energia positiva, consubstanciado ao senso epistemológico de participação) com vistas nas relações de plenitude (PRUDENTE, 2007, p. 7).

Estes depoimentos potencializam os significados dos processos de formação continuada de educadoras e educadores. A obra de Celso Prudente engalfinha-se nesses processos. Instiga as pessoas, no caso, as egressas do PPGE/Ufla, a criticar e a destruir “certos temas fabricados em um momento particular da história” (FOUCAULT, 2004, p. 295). A participação nas “Mostras” incentiva a navegar pelas resistências.

Por entre efervescências, borbulhas e pororocas – considerações que não têm fim!

Para pensar o pensamento de Celso Prudente realizei uma aventura marítima – um Banzeiro! A imagem do mar, das ondas que vêm e vão, remetem a um movimento que não cessa. Remetem à “curiosidade, a vontade irresistível de conhecer e de viver aquilo que se conhece é superior ao medo, ao desespero e ao desejo de quietude, a aventura do pensamento vai além do mero exercício da razão, da produção do Conhecimento puro e simples” (HARA, 2006, p. 272).

Realizar 15 “Mostras” não é tarefa fácil. Exige essa curiosidade e essa vontade irresistível de conhecer e o conceito de heterotopia, acionado neste texto, potencializa o

que digo: em cada “Mostra” são criados contra-lugares que invertem o espaço real que vivemos. Ondas de alegria, reconhecimentos, cultura, resistências, afetos, conceitos, dentre tantas outras manifestações de saberes, poderes e verdades.

Naveguei não só pelo simbolismo dos mares, mas também das águas fluviais das efervescências, borbulhas e pororocas para perseguir a obstinação do autor, cineasta e curador da Mostra Internacional do Cinema Negro:

Vê-se aí de forma cristalina e inequívoca a dimensão pedagógica do cinema negro. No projeto cinematográfico que o negro vai para além da posição de protagonista, sendo sujeito histórico na medida em que reescreve com objetividade a sua própria representação, inspirando assim as minorias como um todo na luta contra a euroheteronormatividade, que foi dada pela imagética de dominação do euro-hétero-macho-autoritário (PRUDENTE, 2019b, p. 76).

As borbulhas provocadas por esse pensamento fazem germinar, ferver, agitar, lançar. Remetem também à simbologia das bolhas – das bolhas de sabão! Lindas, frágeis – águas indefinidas que apresentam contradições, relações de poder, resistências. Lygia Fagundes Telles (1974, p. 113) fala da estrutura da bolha de sabão “[...] porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida, nem líquida, nem realidade, nem sonho. Película e oco. A estrutura de bolha de sabão, compreende?”

As águas em ebulição anunciam um novo tempo para além dos questionamentos já apresentados nos textos de Celso Prudente, em seus filmes e na curadoria das “Mostras” que reescrevem:

a imagem de afirmação positiva dos povos de origem ibero-ásio-afro-ameríndio, que se caracteriza a partir da sua dimensão epistemológica em detrimento da construção ideológica da superioridade racial do euro-hétero-macho-autoritário, que se vê demasiadamente questionado na emergência da dimensão pedagógica do cinema negro (OLIVEIRA; PRUDENTE, 2019b, p. 151).

Esse Banzeiro, conforme já dito, navega pelas relações de poder – capilar, que se exerce. Esse exercício do poder, esse “caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não podem ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder” (MACHADO, 1984, p. 16).

Enfim... não tem fim! Muitos outros textos, outros filmes, outras “Mostras” serão produzidas pelo professor, cineasta e curador da Mostra Internacional do Cinema Negro. Há uma expressão na fala desse intelectual que me encanta: “meu quase cego ver”.

Encanta porque ele não se cega navegando pela complexa teia de relações e segue criando, inventando, suscitando acontecimentos, suscitando resistências – com cheiros das ancestralidades apontando para outros Banzeiros!

Referências

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas Mediciniais**. 3ª. Ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos. Formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998.

FERREIRA, Ricardo Alexino. A arqueologia do cinema negro. In: PRUDENTE, Celso Luiz; SILVA, Darcilene Célia (Orgs.) **A dimensão pedagógica do Cinema Negro** – aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. 2ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Editora Anita Garibaldi, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. 1998.

_____. 1984, Foucault. In: MOTTA, Manoel Barros. **Ética, sexualidade, política**. Tradução: Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e Escritos V. p. 234 – 239.

_____. Verdade, Poder, Si Mesmo. In: In: MOTTA, Manoel Barros. **Foucault. Ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e Escritos V. p. 294 – 300.

_____. Estética: literatura e pintura, música e cinema. In: MOTTA, Manoel Barros. **Ética, sexualidade, política**. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Coleção Ditos & Escritos III.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. São Paulo: Editora 34, 2012. 2ª. Ed.

HARA, Tony. Os descaminhos da nau foucaultiana: o pensamento e a experimentação. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 271 – 279.

LOBO, Mory Marcia de Oliveira; PINTO, Gislaine Figueiredo Pissurno. A alteridade do Cinema Negro como componente estrutural na pedagogia contemporânea no pensamento de Celso Prudente. In: PRUDENTE, Celso Luiz (Org.) **Cinema Negro: algumas contribuições reflexivas para a compreensão da questão do afrodescendente na dinâmica sociocultural da imagem**. São Paulo: Oriom Editora, 2015.

MACHADO, Roberto. Prefácio. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **Escravidão e Nostalgia no Brasil**: o banzo. Ver. Latinoam. Psicopatol. Fundam. Vol 11, n.4 suppl.0 São Paulo. Dez. 2008.

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de; PRUDENTE, Celso Luiz. A luta ontológica de afirmação da imagem positiva do ibero-ásio-afro-ameríndio como elemento democrático da lusofonia: pontos reflexivos para um diálogo da dimensão pedagógica do cinema negro e a Revolução dos Cravos. In: PRUDENTE, Celso Luiz; SILVA, Darcilene Célia (Orgs.) **A dimensão pedagógica do Cinema Negro** – aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. 2ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Editora Anita Garibaldi, 2019b p. 137 – 152.

PRUDENTE, Celso. **Alguns pontos reflexivos para a compreensão da cultura afro-brasileira**: artes plásticas, música, cinema e teatro. CEAP: Rio de Janeiro, 2007.

_____; BATALHA, Marisa. Os movimentos sociais como componentes estruturais da dimensão pedagógica do cinema negro. In: PRUDENTE, Celso Luiz (Org.) **Cinema Negro**: algumas contribuições reflexivas para a compreensão da questão do afrodescendente na dinâmica sociocultural da imagem. São Paulo: Oriom Editora, 2015.

_____. (Org.) **15ª. Mostra Internacional do Cinema Negro**. São Paulo: Sesc – Vila Mariana, 2019a.

_____; SILVA, Darcilene Célia (Orgs.) **A dimensão pedagógica do Cinema Negro** – aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. 2ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Editora Anita Garibaldi, 2019b.

_____. A dimensão pedagógica do cinema negro: uma arte ontológica de afirmação positiva do ibero-ásio-afro-ameríndio. In: PRUDENTE, Celso Luiz e SILVA, Darcilene Célia (Orgs.) **A dimensão pedagógica do Cinema Negro** – aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. 2ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Editora Anita Garibaldi, 2019b. p. 59 – 77.

_____. Obras do autor. In: PRUDENTE, Celso Luiz e SILVA, Darcilene Célia (Orgs.) **A dimensão pedagógica do Cinema Negro** – aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. 2ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Editora Anita Garibaldi, 2019b. p. 59 – 77.

TELLES, Lygia Fagundes. A estrutura da bolha de sabão. In: _____. **Os Melhores Contos Brasileiros de 1973**. Porto Alegre: Editora Globo, 1974, p. 113 – 119.

ZANELLA, Andrea V.; SAIS, Almir P. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. **Análise Psicológica**, 26(4), 679-687. 2008.